



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**AMARÍLIO FERREIRA NETO**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-674

**Entrevistado:** Amarílio Ferreira Neto

**Nascimento:** 27/03/1962

**Local da entrevista:** Proteoria – CEFD – UFES, Vitória

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 21-03-2016

**Data da autorização final:** 20/04/2017

**Transcrição:** Marina Albugeri

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 2 horas, 22 minutos e 46 segundos

**Páginas digitadas:** 35 páginas

**Observações:**

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo, intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação Acadêmica; Interesse pela História da Educação Física; Mestrado na Universidade Gama Filho; Pesquisas Históricas; Projeto com os Graduandos; Interesse pelas Humanidades na Educação Física; Encontros de História da Educação Física; Encolhimento do Interesse por Pesquisas Históricas; Encontro de Humanidades na Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Publicações na Área de Educação Física; Aproximação da Educação Física com as Humanidades; Grupos de Trabalho Temático do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Mudanças nos Debates na Área de Educação Física; Consolidação da Disciplina Educação Física na Escola; Concepção de História; Preservação Documental; Centros de Memória; Acervos; Palavras Finais.

Vitória, 21 de março de 2016. Entrevista com Amarílio Ferreira Neto concedida à pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias, do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, então, primeiro: muito obrigada por dispor do seu tempo. Eu gostaria que você começasse falando sobre a sua formação, especialmente, como você chegou nas pesquisas históricas?

A.N. – Sou graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe em 1984. Em 1985 fui para o Rio de Janeiro, para a Universidade Gama Filho, fazer *lato sensu* em Treinamento Desportivo e, nesse curso, tinha uma disciplina chamada Estudos Sócio-Histórico-Filosóficos da Educação Física, ministrada pelo professor Vitor Marinho de Oliveira. Então, foi no curso de Treinamento Desportivo que me chamaram a atenção as temáticas que estavam em evidência na Educação Física brasileira naquele momento, que nem de longe tinham passado pela minha formação de graduação na Universidade Federal de Sergipe, no período imediatamente anterior.

Nesse curso *lato sensu*, foi divulgado o mestrado da Gama Filho. Decidi participar do processo seletivo em 1986. Fiz e fui aprovado. Sou originalmente da turma de 1986, só que, se for consultada a documentação, vai ser detectado que tranquei em 1986. O curso era novo, não tinha bolsa. Eu cheguei a me matricular, comecei e depois tranquei no meio; não tinha dinheiro para ficar no Rio de Janeiro. Tranco em 1986 e volto em 1987. O Vitor Marinho de Oliveira era professor do Programa e, naquela época, a gente não se inscrevia para o orientador, mas para a vaga do orientador. O candidato se inscrevia no Programa e depois, durante o processo de créditos e de projetos, é que se discutia quem ia ser o orientador.

O meu sonho de consumo era ser orientando do professor Vitor Marinho de Oliveira, entretanto, isso terminou não sendo possível, porque, naquela época, o Vitor não tinha concluído o doutorado e ainda teve problema de doença: infarto. Não pôde me orientar, mas nós conversamos sobre isso e ele falou: “Amarílio, não é conveniente porque eu estou encrocado com a minha tese e com problemas de saúde. Acho mais adequado você buscar outra pessoa, que tenha mais condições nesse momento”. Foi muito bom para mim ele ter sido bem claro. Busquei, então, outro encaminhamento para a minha formação. Mas o Vitor não deixou de ser decisivo na minha formação, fiz duas disciplinas com ele.

Na minha carreira, o interesse pela história eu devo a Vitor Marinho de Oliveira. Primeiro naquela disciplina do curso *lato sensu* de 1985 e depois em duas disciplinas do mestrado chamadas Evolução e Teoria da Educação Física I e Evolução e Teoria da Educação Física II. Duas disciplinas magníficas para minha formação. Era um Programa muito bem organizado, que abriu as portas para o meu interesse pela História, pela História da Educação, pela História da Educação Física, porque, na verdade, o professor Vitor fazia doutorado em Educação na UFRJ<sup>1</sup>, mas voltado para a História da Educação. Então eu digo sempre o seguinte: o Vitor não é notadamente um grande pesquisador, quando você vai olhar a produção intelectual quase 30 anos depois. Para mim ele impactou fortemente como um professor que organizou um programa de disciplina que permitia que aqueles jovens orientandos da pós-graduação da Universidade Gama Filho tivessem uma visão bastante apurada da História da Educação brasileira e como as coisas tinham se passado até ali na Educação Física.

Quem estudar a minha documentação, a minha produção, vai ver que ela só se dá depois que me torno professor da Universidade Federal do Espírito Santo. A fase na Universidade Gama Filho me apresenta o mundo, especialmente, pela via do professor Vitor Marinho de Oliveira, da História, da História da Educação, da História da Educação Física. Defendo dissertação e volto a trabalhar em Sergipe como professor da rede municipal de Aracaju e do governo desse Estado. Na sequência, a Universidade Federal de Sergipe me requisita para o Departamento de Educação. Fico um tempo nesse Departamento e, logo depois, presto concurso, em 1989, para a Universidade Federal do Espírito Santo. Assinei contrato na Universidade Federal do Espírito Santo no dia 27 de dezembro de 1989. Hoje, estou próximo de me aposentar.

A partir daí, como já havia estudado com o Vitor no Rio de Janeiro e tinha tomado contato com textos do Inezil Penna Marinho, sabia que a Escola do Espírito Santo<sup>2</sup> era muito importante para a Educação Física brasileira. Então, uma das primeiras coisas que fiz ao chegar aqui foi elaborar um projeto de pesquisa para estudar a história da Escola de Educação Física do Espírito Santo. Era o local em que eu estava trabalhando. Eu sabia que ela tinha sido uma escola importante no passado e eu percebi rapidamente que os professores da escola, os professores que tinham sido alunos nos anos 1960 e 1970, que foi a geração com a qual tomei contato quando cheguei, eles não sabiam da importância da

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Atualmente Centro de Educação Física e Desporto.

escola na década de 1930, na década de 1940, na década de 1950 do século passado. Resolvi, como um processo de adaptação à instituição, manter contato com esses professores que tinham feito formação nos anos 1960 e 1970 e estudar a documentação, as fontes primárias sobre a escola. Foi isso que fiz nos primeiros anos, ainda sozinho, a partir daquele processo do Rio de Janeiro, da base que o Vitor me deu, de grupos de trabalho que montei com alunos em Aracaju, enquanto estava lá, e depois com os alunos daqui, da UFES... Fiz várias iniciativas antes do Proteoria<sup>3</sup>.

Na sequência, nós estamos falando do início dos anos 1990. Podemos falar com tranquilidade. Há uma espécie de *boom* do interesse pela História, pelas humanidades por uma geração de professores de Educação Física. Para mim é a História, mas tinha sociólogo, tinha filósofo, tinha gente das humanidades que foram importantes para que aquele movimento se consolidasse. Foram criados os Encontros de História,<sup>4</sup> o primeiro em 1993. Nesse primeiro encontro, que foi na Unicamp,<sup>5</sup> vejo que tem uma geração de jovens, porém com pessoas já mais experientes liderando esse movimento, mas era uma maioria de jovens, como eu, Silvana,<sup>6</sup> o Victor Melo,<sup>7</sup> o Tarcísio.<sup>8</sup> A Carminha<sup>9</sup> já era uma liderança nacional, mas estava lá também, e o Pedro<sup>10</sup> que se afastou da Educação Física. O Ricardo,<sup>11</sup> todo mundo estava ali. É uma geração enorme... Então, o meu começo foi desse jeito, minha formação foi assim: Universidade Federal de Sergipe, Universidade Gama Filho, Universidade Federal do Espírito Santo, que foi muito importante, foi a instituição que me deu suporte e tranquilidade para me dedicar aos estudos históricos.

Eu diria que, embora eu tivesse uma carreira em franca consolidação, o doutorado foi ótimo para mim. Foi feito na Faculdade de Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP. Foi um outro momento. Ali praticamente foi consolidado um jeito de pensar a História, a História da Educação brasileira, a História da Educação Física. Eu acho que a década de 1990, foi a década em que tive possibilidade de trabalhar e me preparar para pensar o meu fazer científico. É possível ver isso objetivamente nos projetos

---

<sup>3</sup> Instituto de Pesquisas em Educação e Educação Física.

<sup>4</sup> Encontro de História da Educação Física e do Esporte, posteriormente Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

<sup>5</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>6</sup> Silvana Vilodre Goellner.

<sup>7</sup> Victor Andrade de Melo.

<sup>8</sup> Tarcísio Mauro Vago.

<sup>9</sup> Carmen Lúcia Soares.

<sup>10</sup> Pedro Ângelo Pagni.

<sup>11</sup> Ricardo de Figueiredo Lucena.

que encaminhei nessa época. Aproveitei o momento do doutorado para fazer a Coleção sobre *Pesquisa histórica*.<sup>12</sup> No momento em que estou fazendo o doutorado, está saindo, por exemplo, o *Pesquisa histórica I*, que é de 1996; depois, no segundo ano em 1997, saiu o *Pesquisa histórica II* e depois o III, IV e V e ainda o VI, já na volta do doutorado. Fiz todo o ano um e as pessoas não sabem, mas minha inspiração foi Inezil Penna Marinho. A pessoa que me motivou para me dedicar à História foi Vitor Marinho de Oliveira. Mas, a minha inspiração de trabalho de historiador... Isso não é tranquilo, mas para mim o maior nome da História da Educação Física brasileira ao qual pude ter acesso à documentação foi Inezil Penna Marinho e é por essa razão que decido fazer os livros de *Pesquisa histórica* inspirados naqueles livros<sup>13</sup> que ele fez um volume geral e depois ele fez I, II, III e ele queria fazer até o V. A minha vontade era fazer dez inicialmente e fazer um décimo primeiro, que era para ser o contrário do que o Inezil fez. O Inezil primeiro fez o de 1943, o grandão, e depois ele foi dividindo e queria fazer cinco volumes. Fiz o contrário. A ideia inicial era fazer dez com estudos que permitissem ter uma compreensão bastante aprofundada do que tinha sido o século XX da Educação Física brasileira.

Comecei em 1996, e o foco era o século XX, eram os estudos da virada do século XIX com impacto no século XX, e a gente foi chamando os colegas que estavam fazendo essas coisas para contribuir. A ideia era fazer dez volumes e depois, com esses dez volumes sendo testados, observando o que estava acontecendo, fazer um décimo primeiro, encerrando a coleção com os textos que foram considerados mais consistentes, mais aceitos pela comunidade científica. A ideia era esta: um décimo primeiro volume fechando com um volume maior, mais denso, sobre o que foi a Educação Física brasileira no século XX. Então o espírito do *Pesquisa histórica* foi esse, iniciado lá, durante o doutoramento. No volume VI parou, porque a minha carreira terminou tomando outros rumos. Eu vi que tinha que fazer outras coisas. Era um volume muito grande, que requeria muito trabalho e aí falei assim “Não, em um outro momento um ex-aluno vai retomar isso” e é o que provavelmente vai acontecer com o Omar<sup>14</sup> ou outros. Eles vão dar uma outra direção na continuidade. O volume VII está pronto. Não sei quando vai sair, mas está pronto e não sei se eles vão fazer outros volumes, mas a ideia é que eles possam dar continuidade.

Minha formação foi assim e, no retorno do doutorado, pude contribuir para a formação de vários profissionais que são doutores hoje e professores da Ufes: Silvana

---

<sup>12</sup> Coleção Pesquisa Histórica em Educação Física.

<sup>13</sup> História Geral da Educação Física.

Ventorim, Omar Schneider, Wagner dos Santos, Kalline Pereira Aroeira, Renata Simões Duarte, Ana Cláudia Silverio Nascimento, Andrea Brandão Locatelli, Kézia Rodribues Nunes, Rosiany Campos Berto. Felipe Rodrigues da Costa é professor da UNB.

O Proteoria<sup>15</sup> nasce quando volto do doutorado. O embrião já existia em 1999, mas ele é oficializado com o primeiro financiamento que tive, depois do doutorado, do CNPq,<sup>16</sup> em 2000. Com o financiamento compramos computadores, impressora e começamos o trabalho mais forte com foco nos orientandos. Os meus parceiros são os alunos de graduação. Jogo todo gás nos alunos de graduação e vou buscando financiá-los. Para isso, era preciso fazer uma formação muito forte. Hoje eles são doutores, mas reclamavam pelas exigências que foram tão importantes naquele momento.

O projeto que fiz para isso foi o projeto do Catálogo<sup>17</sup>, porque tinha trabalho para todo mundo. Consegui o financiamento e botei os alunos para viajar. Eu sabia onde os materiais/fontes estavam, porque tinha visto no período de doutorado. Fazia a preparação na UFES e dizia: “Você vai para São Paulo, você para Belo Horizonte, você vai para o Rio de Janeiro”. Em Porto Alegre nós não fomos, porque não tinha mais dinheiro, aí pedi a Silvana para mandar as coisas para mim. Ela tirou cópia e mandou. Mas, para o Rio, Minas e São Paulo os alunos viajaram com o dinheiro do projeto. Ficavam nos locais e iam nos acervos, nos arquivos fazer o trabalho. Trazia para cá e aqui a gente fazia o tratamento adequado das fontes. Hoje são onze ou doze professores que tem por aí, da Universidade Federal do Espírito Santo, a partir desse trabalho.

Outro elemento relevante é aquela comunidade de jovens do Encontro de História da Educação Física. Eles se tornaram lideranças nas universidades brasileiras por impactar os estudos com foco nas humanidades: História, Sociologia, Filosofia, Antropologia, Psicologia e Pedagogia, objetivando pesquisar a Educação Física, o esporte, o lazer e a dança.

Hoje vejo de maneira diferente aquele processo. Acho que foram muito ricos os Encontros de História. Havia dificuldades, divergências lá dentro, mas foram muito importantes para a formação de muita gente, porque nos aglutinaram fortemente. Os

---

<sup>14</sup> Omar Schneider.

<sup>15</sup> É a denominação do Grupo de Pesquisa no registro no Diretório de Grupos no CNPq e se refere ao projeto-mãe financiado: Por uma teoria da Educação Física brasileira. Já foram escritas quatro versões em 18 anos. O Proteoria tem sido decisivo na formação de novos profissionais da iniciação científica, mestrado e doutorado no âmbito da UFES.

<sup>16</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>17</sup> Catálogo de Periódicos da Educação Física e Esporte (1930-2000).



encontros, a partir de 1993, foram enriquecedores para quem soube aproveitar aquele momento. Era um conjunto de pessoas que foram se tornando mestres, foram se tornando doutores. Praticamente, do início ao final da década de 1990 estava todo mundo doutor.

A gente estava circulando e se vendo sempre nos eventos em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas, no Paraná, no Rio Grande do Sul. Nós fomos à Gramado.<sup>18</sup> O formato do evento ajudou muito, porque exigia texto completo e apresentação. Foi um momento que formou e contribuiu fortemente para a formação de uma geração. Preocupa agora, pois uns podem ficar um pouco mais na ativa, outros um pouco menos, mas o fato é que essa geração está próximo de se aposentar.

Não sei como a Silvana, no Rio Grande do Sul, observa isso, mas existiu um encolhimento pelo interesse do ensino e da pesquisa em História da Educação Física, especialmente, na última década. A década de 1990 teve uma significação gigante para essa geração. Estava todo mundo interessado, motivado e correndo para fazer a formação.

O Rio de Janeiro é um parâmetro ótimo para você pensar o seguinte: não tem como você entender a Educação Física brasileira sem estudar o século XX no Rio de Janeiro. Duas grandes escolas estão lá, a UFRJ, a Escola Nacional da Educação Física, e a Escola de Educação Física do Exército. Então os grandes livros, documentos, traduções que foram feitas passou por ali. Dos grandes nomes do século XX que podiam dizer alguma coisa, só um está vivo, Alfredo Gomes Faria Júnior; em outra vertente de pensamento, o Lamartine.<sup>19</sup>

Da nova geração, quem você lembra que trabalha com História no Rio de Janeiro? O Victor. E o Victor, que é brilhante, teve um entendimento diferente. Ele praticamente não atua institucionalmente com vínculo na Educação Física. Ele não está na Escola de Educação Física da UFRJ, e isso tem um impacto grande. Ele certamente tem as suas razões...

Quando estou dizendo que tem um encolhimento, é porque, em um Estado importante para a Educação Física brasileira do século XX, como o Rio de Janeiro, precisava ter quadros formando gente de altíssimo nível. O fato é que uma das escolas mais importantes do país, no século XX, não tem ninguém lá dentro formando professores da Educação Física pela via da História, porque o Victor está em outro ponto formando mestres e formando doutores. Minha preocupação para o futuro está aí.

---

<sup>18</sup> Cidade que sediou o VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no ano 2000.

Em BH<sup>20</sup> lembro-me de dois nomes, mas pode ter mais um, se quiser. Tarcísio, Meily,<sup>21</sup> a minha ordem é essa. Se quiser colocar alguém anterior, você coloca a Eustáquia. Eustáquia é a mãe do Tarcísio e da Meily. A Eustáquia, se você for olhar, ela não é uma pesquisadora de História da Educação, porque você tem que colocar no tempo. Eustáquia é uma professora de estágio na maior parte da carreira. No final da carreira, nesse *boom*, ela foi blindada no doutoramento para fazer a tese em História da Educação e todo mundo sabe a figura de “mãezona” da Eustáquia. Ela na graduação botou uma porção de gente debaixo do guarda-chuva. Embaixo desse guarda-chuva estavam o Tarcísio e a Meily. Andrea Moreno, que está lá, é da Carminha. Em Minas podemos citar outras pessoas, mas os últimos trinta anos da pesquisa de História da Educação Física tem a ver com a presença de Eustáquia, Tarcísio, Meily e Andrea Moreno.

Ou seja, se não tem aqui, onde você vai buscar? Então, é por essa razão que existiu uma migração toda na direção de São Paulo. Silvana fez mestrado lá, em Porto Alegre, migra para São Paulo. Eu fiz mestrado no Rio, fui para o doutorado em São Paulo. O Ricardo já tinha descido da Paraíba, estava no mestrado, veio aqui para o Espírito Santo, daqui voltou para o doutorado em São Paulo.

Eu tentei... Poucas pessoas sabem disso. O meu sonho de consumo era ser doutorando como os outros todos, como Silvana, como Ricardo... O meu sonho de consumo era ser doutorando na UNICAMP. Eu falei isso no meu processo de professor titular em 2014. Eu fui até a entrevista na seleção do doutorado [risos] e aí os professores alegaram que não tinham orientador para o meu projeto de tese. Disseram: “Você é um professor universitário, você tem um bom currículo, você tem o seu salário, você está com a sua vida resolvida, mas no momento nós não temos uma pessoa para orientar o projeto que você quer fazer”. E aí eu não passei. Logo na sequência, tinha o edital da UNIMEP e fui para lá. Foi ótimo, porque em São Paulo não interessa qual é a porta pela qual você entra; interessa se você sabe aproveitar o sistema de pós-graduação de São Paulo. Você estando na PUC,<sup>22</sup> na USP,<sup>23</sup> na UNICAMP, na UNESP<sup>24</sup> ou na UNIMEP, você tem acesso a tudo e foi o que aconteceu. Eu estava na UNIMEP, mas eu tinha acesso à

---

<sup>19</sup> Lamartine Pereira da Costa.

<sup>20</sup> Belo Horizonte.

<sup>21</sup> Meily Assbú Linhales.

<sup>22</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>23</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>24</sup> Universidade Estadual Paulista.

UNICAMP, à PUC, à USP. Tinha acesso aos doutorandos todos que estavam lá, aos professores e a gente se encontrava sempre.

Hoje, vejo um encolhimento das Humanidades com preocupação para a Educação Física brasileira. Isso tem um impacto para a História da Educação Física também aqui, no Espírito Santo. Na ditadura as Humanidades, como nós sabemos, foram retiradas das propostas curriculares. Por exemplo, uma disciplina que foi a base na década de 1930, aqui, na nossa escola do Espírito Santo, foi a História da Educação Física. Um dos primeiros livros que saíram no país foi feito aqui, em 1931, um livro didático da disciplina, o chamado *Histórico da Educação Física*. Quando eu chego, em 1989, está exatamente no período da reformulação curricular gerada pela Resolução nº 3 de 1987, e sou eu que pauto a volta da disciplina História da Educação Física para o currículo da graduação. Ninguém queria saber disso, aí eu vi a furada dos ex-alunos daqui da escola, que eram professores. Fiz o esforço de mostrar para eles a importância da escola: “Vocês foram alunos desta escola, aqui é um marco da Educação Física brasileira no século XX”.

Todo mundo sabe das dificuldades para se construir uma proposta curricular. Decisão: “Deixa esse garoto que está chegando, maluco. Vamos contemplar essa disciplina desde que ele assuma”. Foi assim. Ela foi reinserida na proposta curricular em 1990. Ninguém quis ministrar: “A gente põe, mas desde que você queira ministrar a disciplina”. O que acontece? Vinte e sete anos depois, não tem a disciplina na graduação em uma Escola importante como a nossa, com todo o trabalho que foi feito aqui. Então é para isso que eu chamo a atenção. O argumento hoje sobre as propostas curriculares de que você não pode privilegiar o caráter disciplinar, porque esse jeito de fazer as coisas fragmenta a formação, não deve ser justificativa para se retirar algumas disciplinas clássicas da formação profissional. Foi com esse argumento que se excluiu a História da Educação Física aqui, na graduação, no Espírito Santo. Não se é crítico por fazer um negócio desses. Isso é como legitimar o argumento de que é possível uma sociedade sem história, quer dizer, são raros os cursos de Matemática que não têm História da Matemática; são raros os cursos de Pedagogia que não têm História da Educação, Sociologia da Educação. Então, sob o manto do argumento de que o caráter disciplinar de propostas curriculares fragmenta a formação, nós retiramos algumas disciplinas que são fundamentais para a formação da “cabeça” do professor de Educação Física no Brasil. Pode não ser relevante em outros lugares, mas no Brasil é.

A Educação Física brasileira é um gigante. Nós temos mais de mil cursos neste momento, então alguém tem que formar profissionais para atuar nesses cursos. Tem instituições que sabem formar muito bem professores de Aprendizagem Motora, de Desenvolvimento Motor, de Biomecânica e assim por diante, e devem fazer bem porque se prepararam para isso. Agora, a meu ver, tem instituições que têm a responsabilidade de formar bem os profissionais que pensam a ciência a partir das Humanidades, e eu considero que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal de Minas Gerais, bem como a Universidade Federal do Espírito Santo e outras coirmãs têm profissionais com larga experiência no ensino e pesquisa na História. Tais instituições vêm contribuindo para a formação de novos mestres, novos doutores para continuar levando adiante a pesquisa em História da Educação, em História da Educação Física brasileira com enfoque mais sofisticado.

Hoje (2016), nós fazemos pesquisas que não eram possíveis fazer na década de 1990, eram inimagináveis. Os nossos orientandos, hoje, todos eles estudam idiomas. Por exemplo, o Método Francês, que foi muito potente no século XX para a Educação Física brasileira, eu estudei em várias traduções. Foi assim para minha geração toda. Hoje nós temos uma tese de doutorado sendo feita aqui sobre o Método Francês, e a aluna vai para a França fazer levantamento de fontes lá. Vai em busca de dados, informações que nunca viu nos livros publicados por aqui. Então é um outro patamar. Hoje eu considero que já fiz a minha carreira... Os grandes textos a que tive acesso do século XX foram feitos por homens autodidatas. Seria muito difícil compreender a cabeça do Inezil Penna Marinho, se ele não tivesse feito curso de Direito. Em que lugar, na Escola de Educação Física do Exército, ele teve acesso aos clássicos? Você compreende? Então, não é ali. Ele não escreveu os textos de História, de Educação, de Pedagogia voltados para a Educação Física porque ele se formou em Educação Física. Nós temos que ter essa generosidade. Ele escreveu porque era graduado em Direito, como Ruy Barbosa, como Fernando de Azevedo, que foram homens que tiveram a oportunidade de ter uma formação de cultura geral muito potente.

É diferente para nós, ou seja, essa geração que nasce na virada do final dos anos 1980 para o início dos anos 1990 é uma geração de profissionais com formação específica que voltaram o seu olhar para as Humanidades, para pensar a Educação Física brasileira. Quer dizer, quando você lê um texto de História de um general do Exército é completamente diferente do que aconteceu nos anos 1990. Estou muito preocupado, até

porque a pós-graduação no Rio de Janeiro está indo para a extinção na área da Educação Física. Nossa geração está na porta de saída. Essa geração deu uma contribuição importante. É preciso ter a disciplina História da Educação Física na graduação. Não estou dizendo nada de novidade. Foi assim que eu me interessei e dediquei a minha carreira a fazer pesquisas históricas.

Eu sempre fui atleta do atletismo, todo mundo sabe disso, provavelmente eu seria mais um... Antes de você chegar (Christiane Macedo que está fazendo a entrevista), eu estava dando aula de atletismo, porque não tem a disciplina História da Educação Física. Então, quer dizer, é na oferta na graduação, como foi para mim no *lato sensu*... Eu fui lá no curso de Treinamento Desportivo, mas tínhamos a disciplina, trinta horas, o suficiente para encontrar um professor do qual eu só ouvia falar e, de repente, eu me deparo com esse professor na minha frente. Trinta horinhas... “Esse negócio que ele está falando é importante”. Então, precisa existir na graduação a disciplina, precisa existir no *lato sensu*, precisa existir no mestrado, precisa existir no doutorado.

Estou montando agora e vou fazer três programas. Vou chamar Pedagogia e Educação Física I, Pedagogia e Educação Física II, Pedagogia e Educação Física III e vou indicar bibliografia básica para as três disciplinas de sessenta horas que deixe clara a possibilidade de formação e pesquisa para se entender a Educação Física brasileira.

Nesse primeiro programa que está sendo executado, são nove alunos de mestrado e quatro de doutorado que estão cursando a disciplina Pedagogia e Educação Física I. Entreguei o programa e perguntei: “Eu quero saber se alguém já leu algum texto desses que estão aí. Se já leu, é para falar, porque quero retirar e trocar”. Nenhum tinha lido nada que estava lá, nem os doutorandos. Então a provocação que eu fiz foi a seguinte: “Como vocês entendem a Educação Física brasileira, se não leram nenhum desses textos que estão aí num programa inteiro? Então tem uma encrenca grande”. Eu entendo que nós devemos ter pelo menos uma disciplina na graduação com foco forte na História da Educação Física. Veja: há razões para o Encontro ter se tornado História da Educação Física, Lazer, Dança e, se tivesse mais, tinha que acrescentar, porque tinha que colocar embaixo daquele guarda-chuva todo mundo. Você pode ver o que aconteceu com a UNICAMP. Você percebeu que eu falei da UFRGS, UFRJ, UFMG<sup>25</sup>. A Unicamp foi um importante polo de aglutinação disso, mas não quer dizer que não existiram conflitos, problemas, porque a principal liderança que vinha de lá, estranhamente, não era aquilo que estava divulgado

naquele momento na Educação Física Brasileira. Parecia ser alguém que veio de fora, que era o Ademir Gebara.

Mas, naquele momento, o professor Lino,<sup>26</sup> que estava em alta com a dissertação recém-defendida, tinha cacife para liderar um negócio daquele? Não tinha. Eu adoro o Lino, mas não tinha. Quem era o outro nome da UNICAMP que tinha um grande reconhecimento naquele momento? Carminha, que tinha recém-defendido a dissertação na PUC - São Paulo, que se tornou um clássico. Todo mundo deve ler, datada no seu tempo, *A Educação Física: raízes europeias e Brasil*, ninguém pode tirar seu mérito, mas tanto a professora Carmen Lúcia Soares, quanto o professor Lino Castellani Filho não tiveram o protagonismo que poderiam ter tido. E, certamente, até onde os conheço não tinham tal pretensão.

Aquela geração de jovens que estava se formando ficava num cantinho. Eu, Silvana, Victor, Pedro, Carlos da Fonseca Brandão... A nossa mesa foi colocada num dia de sábado, às nove horas da manhã, no evento em 1993.

Foi muito importante, lideranças contraditórias, mas a gente conseguiu se entender pelo menos por uma década e manter, na diferença, os congressos acontecendo com grande vigor. Aqueles garotos do início dos anos 1990, no final da mesma década todo mundo estava doutor e professor de universidade federal, com uma carreira encaminhada.

Entendo que essa formação está “perigando”, porque há mais de mil cursos. Se todo curso de Educação Física tem a disciplina História da Educação Física, do Esporte, da Dança, o que quiser, mas com um viés de História, que considero importante, tem alta empregabilidade. Essas pessoas vão ser importantes, têm o que dizer sobre a formação do professor de Educação Física no Brasil, quer dizer, os referenciais avançaram muito, a pesquisa de fontes avançou muito, nós aprendemos muito nos últimos 25 anos, indo a arquivos, com o surgimento dos grupos de pesquisa, mais que centros de memória. Bom, isso é algo muito forte e grandioso que foi feito. Agora eu vejo com preocupação a partir do ponto de vista da Universidade Federal do Espírito Santo.

C.M. – Professor, você disse de um *boom* no final da década de 1980, início da década de 1990, das humanidades. Como você percebeu isso? Havia mais encontros, havia mais publicações?

---

<sup>25</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>26</sup> Lino Castellani Filho.

A.N. – Eu colocaria o seguinte: não é que tinha mais publicações, mais encontros e abertura para pesquisa. Você imagina, em 1990, acho que foi no meio do ano de 1990, isso é fácil de ver, no Rio de Janeiro, aconteceu um encontro na UERJ<sup>27</sup>, um encontro de Humanidades, estava todo mundo lá. Foi antes dos encontros de História, mas o pressuposto era o mesmo. O foco era História, Sociologia, Filosofia e Educação Física comparada. Encontro maravilhoso.

Hoje é muito difícil. Vejo as tentativas dos últimos Encontros de História, está minguando em quantidade e qualidade. Sobre publicações, é claro que apareceram, mas não quero mexer muito com as publicações. Por quê? Porque as publicações foram pouco estudadas. Diria que a nossa geração mexeu pouco com os últimos quarenta anos da Educação Física Brasileira. Por que nós estudamos tão pouco o que eu chamei, em alguns textos, de periódicos de ensino, técnico e científico? Por que estudamos tão pouco a história do livro da Educação Física?

As publicações viraram uma encrenca muito grande. É exatamente no momento em que surge um movimento conhecido como de crítica à Educação Física brasileira que somem os periódicos de ensino, que somem os periódicos técnicos. Sabe o que isso significa? Significa dizer o seguinte: sessenta anos de esforço no século XX foram para o limbo... Por que precisa de periódico de ensino e periódico técnico? É para colocar uma ferramenta de trabalho para o professor, objetivando ajudar no processo de escolarização de uma disciplina nova na escola, que tinha recém-chegado na escola. É essa a razão, é para ajudar o professor. Os livros didáticos que foram feitos, quem fez? Os livros didáticos estão voltando por quê? É porque algum professor se preocupou em fazer livro didático? Não, é porque o Governo Federal criou um programa do livro didático e não consegue achar um livro de Educação Física para colocar na lista, para colocar nas escolas. Fazer livro didático é demérito, é dar receita para o professor, é ser professor bitolado. Na verdade, falta preparo de quem diz um negócio desse. Mostra que desconhece o processo de escolarização da disciplina no país. Então, se você olhar, já vinha acontecendo desde a virada dos anos 1970, um volume enorme de publicações no país. O que se abriu foi a

---

<sup>27</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nota de Amarílio Ferreira Neto: Participei da mesa-redonda “História da Educação Física”, que foi coordenada por Vitor Marinho de Oliveira no Congresso de Filosofia, História, Sociologia e Educação Física Comparada, realizado na UERJ, entre 13 e 18-8-1990. Considero essa a minha primeira entrada na discussão sobre o objeto central da mesa.

possibilidade de publicação de textos em editoras fora da Educação Física. O que se abriu foi isso. Onde o Lino publica dissertação? Onde a Carminha publica dissertação? Onde o Paulo Ghiraldelli publica o *Educação Física Progressista*? Então o cuidado que tem que ter, a serenidade que se tem que ter hoje para olhar para isso é enorme. Tem que estudar a produção que foi feita, com os recursos teóricos e metodológicos que nós dominamos hoje, com a serenidade que precisa ter para a gente dar saltos, fazer avançar as pesquisas.

O contexto brasileiro, naquele momento, possibilitou que essa geração, recém-saída dos bancos universitários de diferentes Estados do país, vendo a abertura política que estava ocorrendo, pudesse se interessar pelas humanidades de alguma maneira. O que pode ser constatado nos eventos e publicações da época.

C.M. – E os encontros e eventos da área tiveram essa abertura também?

A.N. – Temos que ter a tranquilidade de dizer que tinha gente de dentro da área que sempre teve a cabeça aberta às humanidades, inclusive gente que foi criticada fortemente. Eu não vou me prestar a fazer a crítica gratuita do Lamartine, por exemplo, não vou fazer isso, jamais. Por quê? Porque o seguinte: alguém estudou a obra dele? Então vai estudar a obra dele. Ele não é só um dos principais autores do mundo na concepção do *altitude training*, ele não é só um “capitão de corveta”;<sup>28</sup> ele é também isso. Ele é um dos pais do *altitude training*, que contribui tão fortemente no mundo inteiro para qualificar o treinamento desportivo? É. Mas é, também, alguém que estudou aprofundadamente e se formou em Educação Física, que estudou Educação, que é doutor em Filosofia, *que é doutor em filosofia* e abriu a porta para muitos jovens.

O Gebara é historiador de formação, mas é professor da Educação Física de formação. Pode ter tido suas motivações diversas, mas o fato é que ele tinha passagem como aluno de mestrado e professor voluntário da Universidade de São Paulo antes de ir trabalhar na Faculdade de Educação Física e na História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH da UNICAMP. Fez doutorado em História na Universidade de Londres e a tese de doutorado dele continua sendo referência hoje ainda. Então, quando ele vai, com a cabeça que vai, é por isso que aparece... A meu chamado ou a chamado de quem, sociólogos importantes da USP, da UNICAMP, gente relevante, com a carreira consolidada e com tanta coisa importante para fazer que foi para lá, no meio daqueles



jovens malucos. Por que eles foram? Porque tinham pessoas que conheciam, que tinham prestígio, que os convidaram, e eles entenderam que era necessário e deram grande contribuição para nós todos. Então, os encontros foram muito significativos. Aqueles profissionais foram muito importantes, referenciais das humanidades. A gente nunca tinha ouvido falar nos cursos, isso tudo foi apresentado lá. Tanto de historiadores, quanto de sociólogos, de antropólogos. As Humanidades em geral circulavam e passaram a ser leituras obrigatórias dentro das pós-graduações. Então, aquilo foi um momento único, hoje a gente não vê, como aconteceu nos anos 1990, hoje a gente não vê, é só pegar os outros eventos.

Com a quantidade de cursos que nos temos na Educação Física... Praticamente, a pós-graduação da Educação Física é muito recente. Ela é dos últimos vinte anos. Falo da pós-graduação com impacto nacional. Com uma dezena de cursos que a gente tinha, não tinha nada. Curso nenhum no Nordeste, curso nenhum no Centro-Oeste. Hoje tem concentração no Sudeste, no Sul? Tem, continua tendo, mas era uma dezena de cursos muito concentrados e com baixa atuação nas humanidades.

Sobre a relevância do curso da Gama, eu sempre falo: “A Gama Filho fechou. Se a Gama fechou, o programa fechou, mas o programa sobreviveu e sobreviveu muito bem. Tava com conceito cinco, com todos os problemas que a instituição estava vivendo e ali foi um programa pioneiro nas humanidades para a pós-graduação da Educação Física brasileira. Tem um monte de preconceituosos que apontam... Sabe, por exemplo, o Stigger<sup>29</sup> estudou humanidades com quem? O Stigger é um dos primeiros e que tem mais reconhecimento hoje. Foi orientando do Hugo Lovisoló.<sup>30</sup> Era um privilegio ser orientando do Hugo Lovisoló dentro da Universidade Gama Filho. As pessoas não se lembram mais disso, quem estava lá... “Não, a Gama Filho fechou”. Sim, e o que está embaixo? Ou seja, quem trabalha com História. Sim, a Gama Filho fechou, mas fechou *por quê?* Então, tem que ser daqui para trás. Quem passou por lá? Quem foi o corpo docente? Quem foram os alunos? Onde eles estão? O que eles fizeram quando estavam lá? O que eles fazem hoje? Aí você vai entender o que era a instituição e o que representou para uma geração de jovens.

Falo para vários que ficam torcendo o nariz para mim: “Eu não fui orientado por um professor de Educação Física”. Em boa medida, o jeito como eu trabalho não tem a ver

---

<sup>28</sup> Referência negativa ao fato do Lamartine ser graduado em Ciências Navais em 1958.

<sup>29</sup> Marco Paulo Stigger.

com o que era dominante na Educação Física no meu tempo de formação. Tarcísio não foi orientando de professor de Educação Física. A Meily não foi. Já falei aqui para o Molina:<sup>31</sup> “Você não foi orientando de professor de Educação Física, é por isso que você pensa assim”. Aí ficam olhando: “Sim, você foi orientando do Triviños”<sup>32</sup>. O Triviños era uma leitura obrigatória para todo pós-graduando nos anos 1980. Eu li obrigatoriamente o livro do Triviños lá, no mestrado, no Rio de Janeiro. Então, o Molina trabalha com pesquisa qualitativa. Não é porque ele fez a formação inicial de graduação na ESEF<sup>33</sup>. Não é por conta que teve algum professor de Educação Física colado nele, *negativo*, é porque ele foi orientando do Triviños e é porque ele é um dos primeiros brasileiros que consolida a carreira quando vai para a Espanha, estudar em Barcelona. Essa é a razão.

Eu sempre digo, provoço, falo o seguinte: “Você pega a produção no mesmo tempo e procura na área de Educação Física quem está fazendo parecido, quem está fazendo semelhante, quem está fazendo igual, aí você não acha”. Então, quem está fazendo está fazendo por quê? Porque foi orientando do Hugo Lovisolo. Está fazendo porque, como é o meu caso, porque fui orientando do Sebastião Votre.<sup>34</sup> O Lovisolo é sociólogo e antropólogo; o Votre linguísta. Você pega o Tarcísio, foi orientando de uma das mais importantes historiadoras da Educação do Brasil, nos últimos 25 anos, Marta Carvalho<sup>35</sup>, que tinha sido orientadora do Luciano, que tinha sido orientadora do Gondra<sup>36</sup>. Então, quando você põe essa ordem, você vê a linhagem todinha da formação dos grandes orientadores que nós temos hoje na História da Educação Física, de onde vieram.

Omar começou comigo, eu falei: “Você vai para São Paulo, você vai para PUC - São Paulo”. Então ele teve aula com os gigantes: Mirian<sup>37</sup>, Marta. Como a Marta já estava se aposentando, ele foi orientado da Maria Rita<sup>38</sup>, que foi a principal orientanda da Marta na PUC-São Paulo. E eu acompanhei o projeto que nasceu aqui, no Proteoria. Ele fez o mestrado, que gerou o livro<sup>39</sup>, e no dia seguinte ao terminar o mestrado, estava dentro do doutorado. Olhar para essa árvore de gente que foi formando, quem teve contato com

---

<sup>30</sup> Hugo Rodolfo Lovisolo.

<sup>31</sup> Vicente Molina Neto.

<sup>32</sup> Augusto Nivaldo Silva Triviños.

<sup>33</sup> Escola de Educação Física, atualmente Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID).

<sup>34</sup> Sebastião Josué Votre.

<sup>35</sup> Marta Maria Chagas de Carvalho.

<sup>36</sup> José Gonçalves Gondra.

<sup>37</sup> Mirian Jorge Warde.

<sup>38</sup> Maria Rita de Almeida Toledo.

quem, é muito importante para entender esse movimento que aconteceu. Formação de graduação aqui, mestrado aqui, doutorado aqui. Praticamente, o que eu disse foi o seguinte: a formação é no grupo, o título é a universidade que dá. Na Universidade Federal do Espírito Santo, no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, o núcleo duro é no grupo, é dentro da equipe. É isso que dá a diferença. Se deixar no “geralão”, nas disciplinas, tem cada disciplina maluca que é ofertada que não serve para grande coisa. Eu estou preocupado é com isso. Não tem por que hoje, com tanta facilidade de acesso a tudo, não fazer uma boa pesquisa de fontes, com tanta facilidade de acervo em papel e *on-line* para você não estudar uma fonte direta, estudar intérpretes, da fonte, da fonte, da fonte, da fonte... Não tem por que, se você quiser fazer as coisas bem feitas. Eu acho que esse é o nosso momento.

C.M. – Professor, nos eventos gerais da área da Educação Física, também teve essa abertura nesse período?

A.N. – Para as Humanidades, na minha opinião, o evento principal é o Encontro de História... Está todo mundo pós-graduando, está todo mundo vivendo ali, discutindo os seus projetos, suas teses. Outros ambientes também têm sua importância, mas eu diria que em menor escala. Por exemplo, sobre o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, eu tenho que ter todo o cuidado ao comentar qualquer coisa, porque fui sócio por décadas, duas décadas e pouco, fui dirigente, fui diretor-científico e fui editor da revista<sup>40</sup>. O Colégio se abriu nesse período, mas tem que ser estudado. Não vejo pesquisas consistentes feitas sobre essa entidade nos últimos vinte anos; têm estudos que são aqueles de referência<sup>41</sup>. Se você pega os primeiros eventos, observa que dominava um tipo de racionalidade ali dentro. A partir da segunda metade dos anos 1980, quando começam a aparecer os primeiros textos de questionamento àquela racionalidade dominante... Quero trabalhar nesses termos, não vou apontar o dedo para o Matsudo<sup>42</sup> e dizer o seguinte: “Você é um conservador, você é isso, você é aquilo politicamente”. A documentação está dizendo que ele trabalha com uma racionalidade científica. No interior da revista isso está

---

<sup>39</sup> Educação Física: a arqueologia de um impresso.

<sup>40</sup> Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

<sup>41</sup> A exemplo de Paiva (1994) e Brandão (1995). E outras iniciativas menores, como o livro organizado por Ferreira Neto (2005). Há também, vários artigos em periódicos e trabalhos em Congressos.

fartamente documentado. Nos anais dos eventos do CBCE<sup>43</sup> está demonstrado e que, a partir da segunda metade dos anos 1980, essa racionalidade científica começa a ser questionada. Isso acho que é bacana, dá muita conversa. Agora apontar o dedo para o olho do outro dá problema, porque, se aplicar a mesma racionalidade hoje, o dedo vai aparecer em outra direção.

Então precisamos de estudos que nos digam quais são os recursos teóricos que temos, quais são as fontes que tenho, para organizar as coisas e extrair consequências interpretativas a partir disso. De longe, sem fazer isso, sem construir esse arcabouço documental para pensar: “Tinha muitos espaços, o CBCE é um deles”. Por quê? No final da década de 1990, em particular, a partir do Congresso de Vitória<sup>44</sup>, em 1995, aqui já é um embrião do formato de GTT<sup>45</sup>, o embrião é aqui, em Vitória. Em 1997, em Goiânia, está formatada a modelagem de GTT, e aí você tem documentação suficiente e pessoas para conversar... Há um corte. O que é Humanidades ali dentro e o que não é, o GTT Escola, o GTT Formação Profissional, o GTT Memória e História, o GTT Lazer. Pega o embrião de 1995 aqui, pega a sequência 1997 que você vai ver.

O CBCE, por suas encrencas, é uma instituição de mudanças tardias. Ele chega depois que as coisas já aconteceram, é o contrário do que se diz facilmente. Quando as humanidades começam a ter um lugar de relevância, de pujança dentro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, outros eventos já aconteciam desde os anos 1990. Estou dizendo sobre os GTTs que o embrião é aqui, em 1995; em 1997 a coisa está mais organizada... Em 1999 em Floripa,<sup>46</sup> os dois volumes azuis grandões, três volumes, um fininho e dois grandes, é aquilo ali; 2001, 2003 já é o formato de CD, Caxambu<sup>47</sup>. Eu era o diretor-científico da entidade. Aquela modelagem da revista foi deixada para trás e nós fizemos aqui, em Vitória, um número de despedida do formato A4 e passamos para o formato “clássico” livro, da Editora Autores Associados.

As humanidades estão presentes no interior do CBCE desde sua criação. Todavia, a ênfase no tempo é menor ou maior. Você acha que os espaços mais importantes para um profissional que possui como referências de atuação as humanidades é o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte? Isso necessita ser pesquisado.

---

<sup>42</sup> Victor Keihan Rodrigues Matsudo.

<sup>43</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>44</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>45</sup> Grupo de Trabalho Temático.

<sup>46</sup> Florianópolis.

C.M. – Professor, o senhor comentou que, durante o doutorado, você se apropriou de uma nova concepção de História. O que foi essa nova concepção de História?

A.N. – Olha bem, como eu disse, lá, no final dos anos 1980, no contato com o Vitor Marinho, como as pessoas que conhecem o Vitor sabem, a bibliografia dele era toda do marxismo e, para aquele momento, não tinha nada que o diminuísse, porque era o que estava em voga, no auge. Então, a bibliografia toda das disciplinas que eu cursei com ele, o jeito, a racionalidade de pensar vinha da tradição marxista e isso foi muito importante para mim naquele momento. Por quê? Porque eu vinha de Aracaju, como disse, e o meu contato com o marxismo foi via Pedagogia. O debate das Pedagogias críticas já estava colocado na primeira metade dos anos 1980, via Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Fui monitor da disciplina Didática na graduação, no Departamento de Educação. A minha convivência com professores foi maior com os professores do Departamento de Educação. Lá vi quentinho, quentinho, na hora em que estavam saindo aqui, no Sudeste, as produções do Saviani<sup>48</sup>, na hora em que estavam saindo as obras de Paulo Freire<sup>49</sup>, que tinha voltado do exílio. As coisas chegavam lá, no Departamento de Educação, e eu tive acesso a isso, mas eram leituras secundárias, como entendo hoje. Foram importantes para mim, para um garoto de vinte anos. É o que estou dizendo. A ambiência que você vive a reabertura política na universidade, o movimento estudantil ressurgindo, a abertura dos CAs e dos DAs<sup>50</sup>. Aliás, está tudo certo, estava acontecendo lá e a gente estava lá, no meio do bolo, na universidade. Mas o meu contato de leitura foi por via da leitura da educação que já era bastante diluída, muito frágil.

Na segunda metade dos anos 1980, no contato no Rio de Janeiro na pós-graduação, aí, sim, leituras mais diretas, um programa muito bem feito pelo Vitor, que me ajudou bastante. Mas tive no mesmo momento... É muito interessante, ou seja, fui aluno do Vitor. Um programa brilhante, que reconheço que me ajudou demais para a frente, mas, no mesmo momento, o Vitor não pôde me orientar e aí vou ser orientando do Sebastião Votre, que é um linguista funcional, que *não tem nada a ver com esse negócio de leitura marxista*. E ele fez o trabalho dele. Ele falou assim: “Então, você está dizendo isso, isso é

---

<sup>47</sup> Cidade de Minas Gerais.

<sup>48</sup> Demerval Saviani.

<sup>49</sup> Paulo Reglus Neves Freire.

<sup>50</sup> Centros e Diretórios Acadêmicos.

pesquisa? É isso que está dizendo que é criticidade na Educação Física?”. Botava o dedo assim. “É isso que você está querendo dizer? Então você faz, agora... Eu não estou vendo nada disso que você está dizendo não, tá?”. Aquilo eu ficava pra morrer. Mas não deixei de dar ouvidos. Cinco anos depois, eu tive tempo, eu já estava aqui, na UFES, ou seja, rapidinho me tornei professor universitário, fui ter acesso às outras coisas, vi que tinha um outro mundo de leituras da História que eu não tinha visto. Aquilo era *um* jeito de pensar histórico. A dissertação da Silvana é uma dissertação que tem que ser lida, datada. A Silvana hoje não pensa História com aquela cabeça [risos]. Porque é datado.

O tempo foi passando e fui me distanciando daquela leitura, segundo aquela racionalidade. Tanto é que tive dificuldade em relação a isso, porque você tem cobrança, satisfação que tem que dar, entendeu? Que impede de você pensar. Na minha tese de doutorado, está lá o caminho, mas não faço referência a quem são os autores que estou utilizando, não faço.

Hoje sou muito tranquilo em relação a isso. Estou falando de vinte anos atrás. Se você pega os colegas todos que beberam naquela tradição de História na segunda metade dos anos 1980, que produziram uma série de trabalhos no final dos anos 1980 até um pouquinho dos anos 1990, poderá perceber que depois eles trabalham com outra racionalidade. Victor, Silvana, Tarcísio, porque onde nós fomos cair, onde nós fomos estudar, nós íamos nos juntando com outros... Têm outras pessoas que pensavam diferente que, pelo o que consigo enxergar, não diminuí o posicionamento político de nenhum de nós. Ler o mundo desse jeito ou daquele e assim por diante.

Acho que nos tornamos profissionais melhores por termos bebido de outras fontes. Hoje tudo é documentado aqui para nós. Mas lá atrás era uma encrenca, porque a gente tinha que se livrar... Quem se convenceu... Carminha, você vê que é um corte a dissertação dela para a tese. Silvana teve que fazer esse corte, eu tive que fazer esse corte. Aqui, todo esse grupo, nos últimos quinze anos que trabalha comigo, a vertente dominante é a História Cultural. Isso nos permitiu dar um salto grande, permitiu a mim e permitiu aos nossos alunos, inclusive, nós levamos essa formação em História para os estudos pedagógicos, para os estudos escolares, pois tem muito problema na área de Educação Física. Ou seja, o rigor da teoria da História e de recursos metodológicos da História tem nos ajudado enormemente nas pesquisas na escola. Como obter o dado, como cuidar deles, como organizar, como interpretar isso e evitar um discurso vazio.

Em nosso grupo, nós somos abertos a outras vertentes, mas nós avisamos. Se vem alguém se candidatar aqui comigo para mestrado e doutorado, que trabalha com outras vertentes explicitamente, apresentando o projeto, a disciplina, chegando na minha entrevista, vamos dizer: “Você sabe quem você está procurando, não sabe? É o seguinte: você não está impedido de fazer, mas tem gente que pode te ajudar melhor nisso aí como orientador”. Nós temos essa clareza de dizer: “Você não está impedido, agora, aqui, o nosso *know how* maior é outro”. Então, nós temos autores que nos ajudaram bastante nos últimos tempos. É só pegar os textos e vocês vão ver. Chartier<sup>51</sup> nos ajudou muito a avançar nisso. Marc Bloch<sup>52</sup> e Michel de Certeau<sup>53</sup> ajudaram bastante. Ginzburg<sup>54</sup> é um autor difícilíssimo de ser lido. Acho que tem uns vinte anos que eu comecei a ler Ginzburg. Você pode ver que na tese não aparece uma linha, não aparece um nome dele, só aparece no prefácio, que foi feito pelo meu orientador, do livro da tese, mas eu não fiz. Por isso estou dizendo, tem uns vinte anos que eu tenho contato com o Ginzburg. Outras pessoas da educação tiveram contato bem depois.

Temos um respeito profundo pela pesquisa de fontes. Talvez tenha sido uma das grandes lições que obtive ao me inserir nos estudos históricos. A primeira lição é respeitar o trabalho do outro. Como fazer uma boa pesquisa de fontes, se você se depara com um documento de cinquenta anos atrás, de um século atrás e você o desmerece, sem tomar os devidos cuidados com o que a História nos deixou de legado, de cuidar, de entender o universo da produção daquelas fontes? Então, a História me ensinou demais a ter respeito pelo trabalho do outro, cuidado em procurar entender isso. Quanto mais distante do julgar você fica, mais próximo do historiador você está. Esses referenciais me ajudaram, têm ajudado os orientandos. Como tem muito a fazer, a gente está sempre aberto a outras alternativas...

C.M. – Nessas viradas, as metodologias também mudaram?

A.N. – Vejo que sim. Uma maneira de enxergar isso é olhar o que busquei fazer. Como tive outras prioridades, parei, senão estaria tudo lá hoje. Você vê nos *Pesquisas históricas* quem foi chamado. Em cada volume daquele, fui chamando as pessoas que apontavam

---

<sup>51</sup> Roger Chartier.

<sup>52</sup> Marc Léopold Benjamim Bloch.

<sup>53</sup> Michel Jean Emmanuel de La Barge de Certeau.

<sup>54</sup> Carlo Ginzburg.

para onde estava indo a pesquisa daquele momento, em recursos teóricos, em metodologias, em pesquisas de fontes, indicando os seus achados, quais eram os objetos, as periodizações, as fontes.

Eu estava olhando para os profissionais, assim: “Esse aqui tem que vir”. Ia lá, conversava, era feito um texto e publicado. Hoje, você vê nitidamente que mudou. É que a gente estuda pouco. Se você pega os programas dos anos 1970, os programas dos anos 1980, que foram a base da nossa formação, para dizer quais eram os livros que a gente lia... Quais eram os livros que a gente lia lá, na minha faculdade, na Federal de Sergipe? Era História da Educação Física no Brasil, o capa prata. Eu estudei naquele, no prata, História da Educação Física no Brasil, do Inezil. Aí tinha uma disciplina chamada Ginástica I. O livro básico dela era Sistema e Métodos da Educação Física, do Inezil. Atualmente, nem os professores que trabalham comigo conhecem a capa de nenhum dos dois. Isso é gravíssimo. Não é para concordar com concepção de História. Não se trata disso... Não é para concordar, é que aquelas obras foram um marco dos fazeres em História, foram muito importantes num dado momento para a nossa geração.

Exemplo: a maneira como as imagens foram sendo utilizadas mudaram completamente do que tinha sido feito na década de 1930. Silvana, que usou imagens, sabe disso, como as imagens estavam nos periódicos que ela trabalhou e como ela trabalha agora. Carminha trabalhou também. Andrea Moreno, que foi orientanda da Carminha, fez uma tese belíssima.

Nós concluímos na década de 1990. Perdemos muita documentação, especialmente da segunda metade do século XIX e do século XX, por falta de pessoal que entendesse que era importante preservar a documentação sobre Educação Física brasileira. Tem pessoas que vêm aqui hoje, no Proreitoria, atrás dos periódicos do catálogo. E lá no início você vai ver que eu indico os acervos, nos diferentes Estados, que são referências em determinados periódicos. Já teve gente aqui, recentemente, que foi a São Paulo, na Escola de Educação Física da USP, porque eu estava dizendo: “Lá tem referência nessa e nessas coleções”, e já não existem mais lá. Aí vieram pegar com a gente aqui, cópia que eu tenho daquela época, ou seja, nós temos cópia impressa, mas as nossas cópias estão acabando. Por quê? Porque, como as pessoas na origem não têm como consultar, consultam a cópia, ela vai se desgastando e vai acabar sumindo.

A UFMG é indicada como referência em algumas fontes. Fontes que o Tarcisio e Meily me ajudaram a obter... Atualmente, Meily tem mandado alunos dela aqui, porque a



gente tem cópia no papel; lá já deteriorou, sumiu, perdeu. Eles fizeram a opção de fazer o Centro de Memória, nós não fizemos.

O Omar está liderando isso. Não sei se ele vai conseguir um dia, porque a pessoa vira meio que dono e, depois que o gigante está feito, ninguém quer cuidar [risos]. É como se diz quando alguém arruma um problema grandioso: “Isso é trabalho para a vida toda”. A Silvana deve estar já preocupada há muito tempo com isso.

C.M. – Para uma vida só não [risos].

A.N. – Para a vida toda. E o que se faz agora? As novas tecnologias estão permitindo a preservação desses documentos. A questão é financiar, a questão é ter equipe. Não é que não existem as tecnologias. Você imagina aquele catálogo, aquilo ajudou muita gente, ajuda muita gente. Mas você já imaginou se a gente tivesse digitalizado aquilo tudo que está ali? Digitalizado em PDF<sup>55</sup>? O que aquilo ajudou só dizendo: “Olha, essa fonte existiu, ela foi publicada em tal lugar, no ano tal, está na página tal e assim por diante”? O que ajudou de gente a fazer pesquisa foi uma enormidade. Agora imagina você dizer: “A fonte é essa, entra aí”, aí aparece o texto completo, na mão. Agora, quando as pessoas vão compreender que isso é importante? Que é barato fazer isso. A preservação do documento é uma responsabilidade nossa.

C.M. – Professor, agora sobre os Centros de Memória. Você acompanhou de alguma forma a formação dos Centros de Memória?

A.N. – Olha, acompanhei esse movimento e eu sempre falo o seguinte: respeito sobretudo aqueles colegas que fizeram essa opção, porque é um ato de coragem, na minha opinião. Tanto que não fui corajoso aqui, porque você precisa de uma infraestrutura, de um suporte. Boas idéias e formação? Têm, mas não tem gente para fazer Centro de Memória. Centro de Memória é infraestrutura, infraestrutura física, de tecnologia e de pessoal, e quem pode garantir isso? Se é Centro de Memória, quem pode garantir é a instituição, porque a instituição é permanente. Tem que haver garantia para isso. A impressão que tenho é que as dificuldades que os colegas têm estão exatamente aí. Não caminhei nessa vertente,

---

<sup>55</sup> Formato de documento, geralmente para ser disponibilizado por internet.

porque vejo na minha instituição dificuldades enormes. Isso aqui<sup>56</sup> fui eu que capitanei cada metro de espaço que o Proreitoria ocupa, pois não existia oficialmente na Universidade Federal do Espírito Santo. O Proreitoria não é meu. Foi criado como mais um instrumento para que a UFES venha cumprir decentemente suas finalidades de formação qualificada na Educação Física brasileira. Por isso que estou dizendo: um ato de coragem dos colegas que fizeram tal opção. É a instituição que tem que se responsabilizar. O professor é uma liderança, monta um projeto, mas a universidade tem que dar o espaço, a universidade tem que dar os funcionários técnicos especializados, o coordenador, o pesquisador, o líder do Centro de Memória busca financiamento, CNPQ,<sup>57</sup> Capes, o Ministério do Esporte... Vai fazendo o que pode, vai formando gente para dar continuidade: os pesquisadores. Mas a instituição tem de dar lugar a isso, fortemente. Tem de ser uma aliada permanente da situação. Por exemplo: eu vi nascer e conheço o profissional, a qualidade do profissional, a competência, a habilidade para cuidar, mas não vejo um Centro de Memória no formato que o Victor pretendeu um dia, não vejo, por quê? É só olhar para a instituição. O Centro de Memória da UFRJ, a rigor, ele só existe na cabeça do Victor, porque, quais são as instituições que estão por trás dele dando sustentação, por mais esforço que ele tenha... É difícil pra caramba.

A Revista Brasileira de Educação Física, do Inezil, só existia na cabeça dele. Era no carro dele, no escritório de advocacia dele. Silvana sabe disso. Não tinha ninguém apoiando aquilo... Uma revista maravilhosa. Quando você olha hoje o documento que foi produzido nos anos 1940... Então você tem que ver o que tem. Quem sustenta as coisas é a boa vontade e isso é um desastre. Eu nunca tive coragem de fazer um negócio desses, porque fui dirigente, diretor de Centro e Pró-Reitor de Administração da UFES. Conheço como são as coisas. Não fiz Centro de Memória, sabe o que eu queria fazer?

Na década de 1930, tinha uma biblioteca aqui na Escola. Sumiu. “Cadê a biblioteca?” Pega o Inezil de 1943 e abre as primeiras páginas que você vai ver ele dizendo o seguinte: “Estive na biblioteca do Espírito Santo”. Das citações de coisas daqui do Espírito Santo não existem nada. Tudo se perdeu, tudo foi destruído. O curso foi mudando de lugar. Muda a biblioteca, não sei o quê, “Bota fogo, isso é coisa velha”, sumiu. Então eu disse: “Eu não vou inventar moda, eu vou reconstruir a biblioteca da Escola de Educação Física. Primeira coisa que eu vou fazer: arrumar um espaço para ela, para começar”. Fui ao

---

<sup>56</sup> Mostra a biblioteca.

<sup>57</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

reitor e falei o seguinte: “Não vim aqui pedir dinheiro, quero apenas que não atrapalhe. Eu vou fazer um negócio lá. Na hora que vierem reclamar, fala: Eu sei... Fica quieto”. Está vendo isso aqui? É da biblioteca. Como faltou uma sala aí para a pós-graduação, quando a gente estava iniciando, aí fizeram aqui e tal, pegaram um pedaço. No futuro pode ser alterado.

Então eu insisto que é a instituição que deve dar o maior suporte, área física, pessoal técnico especializado para o Centro de Memória, cuidar de acervo, saber que é permanente. Não adianta só ter boas ideias.

Os principais nomes que fizeram Centro de Memória estão vivendo a crise, porque está se aproximando o momento de eles saírem. As instituições que não deram suporte, se não tem formação de equipe para sustentar, eles vão definhando. A minha hipótese é essa.

O que gostaria de ver um dia é que uma escola que, no dia 26 de junho faz 85 anos, tivesse reunido o acervo do período em que ela foi estadual. As fontes dos alunos que se formaram entre 1931-1961, quando a universidade foi federalizada. A esse deveria ser adicionado o acervo da Educação Física que está na biblioteca central. O acervo do professor Aloyr Queiroz de Araújo que está nas Coleções Especiais; o acervo do professor Mário Ribeiro Cantarino Filho, que comprei para a Universidade Federal do Espírito Santo e está nas Coleções Especiais da Biblioteca Central, que ninguém consulta. Ainda bem que pelo menos está protegido. E, sem falsa modéstia, o acervo do Proreitoria. O que é meu já doei, mas não doei para a instituição, porque não estou seguro de que a instituição vai proteger. Já doei para quem? Para os meus ex-alunos, para o Omar, para Wagner<sup>58</sup>. Ali tem uns quatro mil títulos. Retirei tudo que era meu. No dia em que eu me aposentar, só vou pegar os meus documentos pessoais. Agora, eles que vão decidir se vão institucionalizar, se não vão institucionalizar, se vão pegar e colocar nas caixas e levar embora para a casa deles e assim por diante.

Coloquei nas mãos deles: “A decisão é de vocês”. Eles sabem o que eu penso. Se a gente unir esses acervos, o acervo da universidade da Biblioteca Central, o acervo do professor Aloyr, o acervo do professor Cantarino e o acervo do Proreitoria, nós teremos um dos principais centros de pesquisa da Educação Física brasileira no século XX, porque, no acervo da Biblioteca Central, no acervo do Aloyr, no acervo do Cantarino se encontram livros em inglês, em francês, do século XIX, que foram básicos para o entendimento da

---

<sup>58</sup> Wagner dos Santos.

Educação Física brasileira da primeira metade do século XX. Mas para isso precisa infraestrutura que a universidade é quem tem que dar.

Acho que a iniciativa do Rio Grande do Sul talvez tenha sido aquela que mais vingou até onde consigo enxergar. A iniciativa da UFMG é mais recente, tem uma infra por trás ali. Mas no Rio de Janeiro não vejo assim; posso estar muito enganado. Não estudei, mas a minha hipótese é a seguinte: o Victor foi pressionado a tomar uma decisão na vida: ou ele morria junto com a Escola de Educação Física da UFRJ ou ele ia fazer a vida dele bem-sucedida como ela é. Onde ele ia fazer isso? Sozinho? Então, acho que, como pesquisador, vejo o Victor muito bem-sucedido, talvez um dos mais bem-sucedidos da nossa geração. Agora a iniciativa do Centro de Memória no Rio de Janeiro acho difícil. No Rio Grande do Sul, vejo como o projeto que mais se consolidou. O projeto de Minas conseguiu um financiamento bom. Vi lá, no início, era um espacinho pequeno...

Aqui, o Omar tem sofrido tremendamente. Em nosso caso, institucionalmente é muito difícil conseguir apoio para isso. Ele tem disposição grande, tem feito projetos para formação de pessoal: graduando, mestrando e doutorandos... Vem gente da Arquivologia fazer estágio aqui, na documentação, e assim por diante, mas é muito difícil financiar isso. É um movimento importante dos Centros de Memória que pode dar muitos frutos para a pesquisa, porque permite você trabalhar com fontes ainda não mexidas, organizar, preparar pessoal novo para lidar com isso no futuro, mas, com a experiência que tenho com gestão universitária, acho que o maior problema é o suporte institucional, e o tempo passa muito rápido quando você lida com isso.

C.M. – Professor, qual você acha que foi a motivação para surgirem esses centros em diferentes lugares?

A.N. – Olha, sou suspeito, porque, depois de 34 anos que tenho de docência, acho o seguinte: só pode ser explicado isso com adjetivos. Você pode ver, são iniciativas de jovens, em todos os casos, corajosos, voluntariosos. Porque vinte anos passam muito rápido. É o trabalho de uma vida que você faz e, quando você chega no final de seus compromissos, você vê que se dedicou a alguma coisa que pode estar ameaçada num curto espaço de tempo. Você leva 25 anos para fazer, mas depois, num ano, dois anos, três anos, se não tocar o dia a dia, as rotinas, ele se vai.

Em meu caso optei por outro caminho. No caso da Silvana, que é, a meu ver, a principal liderança do Centro de Memória da ESEF, no caso do Victor na UFRJ, no caso do Tarcísio em Minas, ou seja, são projetos de profissionais com carreiras muito bem consolidadas, brilhantes dessa geração, mas a luta, nos próximos anos, é para que eles deixem sucessores. Quando falo dos adjetivos, não quero diminuir, tem a ver com... o olhar de alguém que tem mais de trinta anos de experiência.

Nós fizemos, contribuímos para fazer muita coisa, mas foi uma ação muito voluntariosa, com pouco suporte institucional. Acho que fizemos mais do que podíamos fazer e do que deveríamos ter feito. Ou seja, a coisa que eu imaginava, e eu estive dentro, liderei isso com um certo cuidado, a questão do acervo do Cantarino. Nós temos uma gravação inédita com ele, duas horas: foi feita no dia em que fui acertar as coisas do acervo e nós fizemos uma gravação com ele, na casa dele, de duas horas, está em nossa posse, temos a guarda disso. Ele conversa sobre sua vida e carreira. A ideia era, depois da aquisição do acervo, fazer uns trabalhos sobre as obras dele, mas o que acontece? Isso foi tratado de uma maneira, assim, muito profissional do ponto de vista da UFES<sup>59</sup>. No aval da universidade para negociar? A coisa mais tranquila do mundo para mim foi adquirir o acervo, foi colocar num caminhão de uma transportadora em Brasília, retirado da casa dele com cuidado, tudo embalado, e colocar dentro da Universidade Federal do Espírito Santo. Agora, a vida do acervo é o pesquisador estar mexendo nele. Para mim, a realização do trabalho é você pegar uma coleção dessa, que está lá, está protegida, sim, mas você tem que ter pessoal disponível para atender ao pesquisador quando ele chegar. Você não pode deixar o pesquisador entrar lá, com um negócio daquele lá. Rasga, danifica, risca... Você tem que ter uma infraestrutura para dar vida, para que o acervo viva. Enxergar aquele acervo virando artigo, virando pesquisa, virando dissertação, virando tese. Não, o acervo do Cantarino eu tirei da casa dele em Brasília, está protegido, está dentro da casa da universidade, bem protegido. Ninguém consultando, ninguém pesquisando [risos]. É disso que falo. Então, torço e me empolgo, mas tenho dito o seguinte: “Eu não posso me deixar empolgar para inventar de ficar mais tempo”. O que eu podia fazer, minha contribuição, tenho dado, porque demanda muito tempo. Hoje não venho mais para a universidade no sábado e no domingo para resolver problema disso, daquilo. Não venho.

Vejo pessoas achando que o Proreitoria tem uma estrutura muito boa. Tem isso, tem aquilo, mas são 26 anos de trabalho, o tempo todo lidando com incompreensões. Então, o

Centro de Memória é superimportante, maravilha. Acho que, por exemplo, a ESEF é uma das principais instituições. Quem entende a ESEF tem mais chance de compreender a Educação Física brasileira do século XX. Quem entende a Escola de Educação Física do Espírito Santo, quem dedica tempo para estudar isso aqui tem mais chance de compreender a Educação Física brasileira do século XX. Quem se dispõe a estudar os arquivos do Exército Brasileiro, para entender a Escola de Educação Física do Exército tem mais chance de compreender a Educação Física brasileira do século XX. Provavelmente, quando fizerem esse tipo de exercício de entender as instituições clássicas da formação do pensamento educacional da Educação Física brasileira, você vai ficando mais humilde... Eu ando aqui... Os caras não veem. Tem placa, placa dessas de inauguração aí dentro, em diferentes lugares daqui. Aqui tem o nome dessas pessoas da década de 1930, década 1940, que você nunca viu na vida, que eu nunca vi na vida. Hoje, para mim, são como pessoas com quem eu convivi. Eu já estou há 26 anos aqui e eu me interessei: “Quem é aquela pessoa?”. “Ah, tem o nome de rua, foi filho de não sei quem”. “Não, ele se formou aqui, foi professor aqui”. As pessoas veem e acham que é uma placa de ferro. Aquilo ali diz muito do que é o espírito da escola. É isso que motiva e que dá vida.

C.M. – Professor, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

A.N. – Olha, eu gostaria de registrar o seguinte: é um desejo grande referente aos Centros de Memória. Queria que esse esforço dos últimos quarenta anos de ensino e de pesquisa da História da Educação Física não fossem perdidos, que os Centros de Memória fossem mantidos, consolidados, revitalizados, especialmente, no ensino de graduação e na pós-graduação, porque é isso que vai permitir a formação de novos quadros, que foi o que aconteceu com a minha geração. Havia uma transição grande, os grandes mestres, a maioria do século XX, já tinham morrido e outros estavam com idade bastante avançada. Por alguma razão, aquele *start* no final dos anos 1980, início dos anos 1990, permitiu a formação de uma grande geração de profissionais que trabalharam a partir das diferentes disciplinas das humanidades. Isso deu uma rejuvenescida enorme no ensino da Educação Física brasileira a partir de referenciais oriundos das humanidades. Tivemos abertura de centros de pesquisa, como os Centros de Memória, uns mais consolidados, outros menos, mas houve essa retomada de recomposição de acervos em outros patamares, o que era de

---

<sup>59</sup> Universidade Federal do Espírito Santo.

fundamental importância. Exemplo: fazer uma seleção, um trabalho conjunto. Esse é um trabalho que hoje é possível fazer interinstitucionalmente, ou seja, o meu sonho de consumo era reunir um acervo grande, insisto nisso, um acervo grande, importante. Mas isso não precisa ser um trabalho exclusivo de uma cabeça. Você monta um projeto interinstitucional. Você imagina vinte anos atrás: eu saía daqui para ir para o Rio de Janeiro na região dos sebos. Alguns livros que eu tenho do século XIX e do início do século XX que tem aqui eu comprei... Ia no sebo para comprar, faltava dinheiro: “Não, depois eu volto”. Hoje, a gente entra na *internet*, encontra livros raríssimos vendidos por cinquenta reais, vinte reais, no sebo.

Uma nossa doutoranda está se preparando para ir para a França. O levantamento dela de obras francesas sobre a Educação Física e que deu suporte para a Educação Física brasileira, na virada do século XIX e início do século XX, é enorme. Imagina hoje você comprar esses livros na Europa, em língua inglesa, em francês, em alemão, em espanhol e montar um acervo para que você saiba que tem uma instituição no Brasil que tem esse acervo disponível para quem quiser? Não é cada um comprar a sua, que isso é mais difícil ainda, mas pelo menos uma instituição, duas instituições terem o acervo, objetivando concentrar esforços para fazer avançar a pesquisa.

Eu estudei Método Francês pelo livro do Inezil e, depois disso, muito anos, estudei pelas traduções de oficiais do Exército brasileiro. Hoje, o quente é o seguinte: estudar em francês tudo o que foi dito lá, como foi feito, por que foi feito, onde foi... A gente vê pela *internet*, entra na Escola de Joinville Le Pont<sup>60</sup> pela *internet*, entra ali, no computador, abre, põe. Isso não era possível. Então, formação de garotos na graduação, na pós-graduação, montagem de acervo de alta qualidade, preservação dos Centros de Memória que foram construídos. Não precisa ser muitos, porque a gente já sabe que isso é uma experiência com muitas dificuldades em um país como o Brasil. A gente vê as experiências, onde estão mais consolidadas e põe mais incentivo ali. É mais fácil viajar para Porto Alegre, que se consolidou melhor e colocar as coisas ali do que ficar inventando um ali, um ali, um ali, que vai morrer mais à frente. Então, é preciso concentrar esforços. Manter os acervos atuais altamente atualizados e preservados e buscar aquilo do passado que a gente encontra. Por exemplo, nós já fizemos bastante coisa nos últimos trinta anos, mais podemos fazer muito mais com o surgimento das novas tecnologias de TI<sup>61</sup>. Por

---

<sup>60</sup> Escola onde se desenvolveu o Método Francês de Ginástica.

<sup>61</sup> Tecnologias da Informação.

exemplo, minha dissertação foi feita numa máquina Olivetti,<sup>62</sup> os capítulos foram entregues a mão para o meu orientador, só foi datilografada de máquina elétrica a versão defendida. Não tinha a tecnologia, estava praticamente surgindo. Então, hoje, com as tecnologias que se tem, são muitas facilidades agregadas.

A nossa missão é do mesmo jeito como ocorre quando a gente convida a Silvana para vir numa banca aqui. Eu posso ir a Porto Alegre, posso ir ao Rio de Janeiro, posso ir a Belo Horizonte, posso ir a São Paulo, então não precisa ter um centro em cada lugar; precisa ter de fato uma infraestrutura consolidada pela qual se tenha acesso às fontes e à formação... Precisa ter mobilidade acadêmica dos pós-graduandos. Por que não um aluno meu ir passar um período lá na ESEF? Um aluno da ESEF vir aqui? Mas essa mobilidade é o que permite a transferência de *know how*, de conhecimento produzido, e acredito muito nisso. Eu posso dizer que vivi o surgimento de uma geração enorme de jovens talentosos, que consolidaram suas carreiras e que certamente deixaram um legado. Não tenho dúvida disso!

Mas é como o Tarcísio – o Tarcísio foi membro da minha banca de Professor Titular – ele me perguntou como eu gostaria de ser visto. O que eu disse para ele foi o seguinte: “O que eu espero... Eu não tenho nada para reivindicar. Eu já fui mais longe do que imaginava que eu poderia ir, agora o que eu espero daqueles que, no futuro, forem estudar os meus materiais, o trabalho que fiz, que façam com autonomia e com capacitação profissional, porque, em cada tempo, eles podem se sofisticar. Então, façam com o melhor que tenham no seu tempo”. E acho que algumas pessoas da minha geração fizeram o seu trabalho com o melhor que tinham no seu tempo para Educação Física brasileira. É isso que espero daqui para frente, porque, realmente, fizemos muita coisa que não tinha sido feito antes e com mais tranquilidade. Se a gente tivesse mais tempo institucional e mais apoio, teríamos como fazer muito mais. Acho que é isso.

C.M. – Professor, muitíssimo obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>62</sup> Marca de uma máquina de escrever.



**EM TEMPO**<sup>63</sup>: Alerto aos leitores, aos pesquisadores, às instituições e pessoas referidas neste documento de cunho memorialístico que todas as lembranças merecem ser conferidas, objetivando, sim, por meio do trabalho do historiador, determinar, se possível, as ações dos homens e instituições da Educação Física brasileira no tempo. É a maneira que escolho para dizer da minha gratidão pela convivência, nem sempre fraterna. Sugiro a observação de algumas indicações de *Marc Bloch, em Apologia da história: ou o ofício do historiador* no capítulo denominado **A Crítica**, item **Tentativa de uma lógica do método crítico**.

- “Só se estabelece, de fato, uma data, só se controla, só se interpreta um documento por sua inserção em uma série cronológica ou um conjunto sincrônico.”
- “Na base de toda crítica está um trabalho de comparação.”
- “A comparação exige identificar semelhanças e diferenças.”
- “A concordância entre um testemunho e os testemunhos vizinhos pode impor conclusões contrárias.”
- “Fontes de cunho memorialístico devem sempre ser comparadas com outros testemunhos.”
- “O princípio da contradição proíbe impiedosamente que um acontecimento possa ser e não ser ao mesmo tempo.”
- “Numa mesma geração de uma mesma sociedade, reina uma similitude de hábitos e técnicas muito grande para permitir a qualquer indivíduo afastar-se sensivelmente da prática comum.”
- “A crítica move-se entre dois extremos: a similitude que justifica e a que desacredita.”
- “A crítica do testemunho apóia-se numa instintiva metafísica do semelhante e do dessemelhante, do um e do múltiplo.”
- “Para que um testemunho seja reconhecido como autêntico, o método exige que ele apresente uma certa similitude com os testemunhos vizinhos.”

---

<sup>63</sup> Informações acrescentadas pelo entrevistado ao ler e conferir a entrevista concedida. Trecho mantido conforme inserido.